

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

No escuro

Até o início da primeira reunião de emergência no Itamaraty sobre a operação dos Estados Unidos na Venezuela, o governo brasileiro quase não tinha informações precisas sobre tudo o que havia ocorrido. Aliás, no final de 2025, Lula tentou mediar o conflito e o governo de Washington não deu qualquer resposta.

A conta do partidos

A maioria dos pré-candidatos a cargos majoritários já está no aquecimento para deflagrar as pré-campanhas neste trimestre, mas os presidentes de partido estão com o foco ajustado para a eleição das bancadas de deputados federais. É esta eleição que define o montante do fundo partidário e eleitoral a que cada legenda tem direito e, ainda, o tempo de horário eleitoral gratuito na tevê.

Ganhou peso

A tevê aberta perdeu força diante da velocidade e do alcance das redes sociais, mas ainda é considerada um ativo importante. Especialmente, em tempos de muita fake news embalada por inteligência artificial, os canais de acesso livre são considerados um bom meio para transmitir a mensagem real dos partidos.

Mais um reforço à polarização

Os primeiros acordos dos oposicionistas brasileiros ao ataque dos Estados Unidos à Venezuela indicam que este será mais um tema para apimentar as discussões. Enquanto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva classificou a ação norte-americana como “inaceitável”, nomes mais ligados ao bolsonarismo, como o deputado Zucco (PL), pré-candidato ao governo do Rio Grande do Sul, e outros aplaudiram a ação do governo de Donald Trump. Falaram, inclusive, de “devolução da liberdade” ao povo venezuelano. Para quem havia perdido o discurso de defesa da democracia depois do 8 de janeiro de 2023, os bolsonaristas, agora, acreditam ter em mãos um reforço da “defesa da liberdade” e do “respeito à democracia”. Ainda que tenha sido pelo uso da força, é por aí que eles tentarão construir uma narrativa com vistas a fazer uma limonada do limão do 8 Janeiro.

Só tem um probleminha/ A maioria do centro não aplaudiu efusivamente a operação de Trump na Venezuela. Aliás, esse segmento da política brasileira tem muitas críticas sobre mais esse abalo nas relações internacionais, em que um país invade outro, leva seu presidente e primeira-dama sem dar satisfações a ninguém. O maior temor, revelado nos bastidores, é o de que mais dia, menos dia, alguém invente supostos envolvimento em atividades ilícitas para tentar justificar uma invasão a outras nações.



CURTIDAS

Lhes dê motivos/ O veto de Lula aos recursos destinados ao seguro do agro terá troca. A contar pelo pronunciamento do presidente da Frente Parlamentar do Agro, deputado Pedro Lupion (Republicanos-PR), a vingança virá na primeira votação importante que tiver este ano. Seja ela qual for.

Alivia aí/ A expectativa do governo, porém, é que diante da crise da Venezuela, a oposição dê um refresco. Vem aí o discurso clamando por união e soberania.

A mudança de Caiado/ Se o União Brasil não apoiar e aprovar a candidatura do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (**foto**), ao Planalto, ele mudará de partido. Já tem convite para se filiar, por exemplo, ao Solidariedade, do deputado Paulinho da Força (SP).

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



O momento histórico que vivemos é de extrema delicadeza. Embora reconheçamos a complexidade da crise venezuelana, e os desafios que a região enfrenta há anos, a intervenção militar direta e unilateral em território estrangeiro acende um alerta grave para a comunidade internacional. A história nos ensina que soluções de força, sem o amplo respaldo do direito internacional e do diálogo multilateral, frequentemente geram instabilidade duradoura e sofrimento para as populações civis"

Do presidente da Frente Parlamentar Brasil-China e da Frente do BRICS, deputado Fausto Pinato (PP-SP)

»Entrevista | OTONI DE PAULA | DEPUTADO FEDERAL (MDB-RJ)

"Direita é maior do que o bolsonarismo"

Evangélico, afirma que não se alinha a Lula, mas reconhece que tem dificuldades de apoiar Flávio Bolsonaro à Presidência

» DANANDRA ROCHA

Evangélico e conservador, o deputado federal Otoni de Paula (MDB-RJ) transita entre o governo e o bolsonarismo, embora não se alinhe a nenhum deles. Há poucos dias, esteve com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e orou com ele e com a primeira-dama Janja, mas isso não quer dizer que o apoie. Na outra ponta, afirma ter dificuldades em defender uma candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) ao Palácio do Planalto — não o descarta, caso o nome que quer ver eleito, o do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União), não ganhe robustez para a disputa. A seguir, a entrevista ao *Correio*.

O senhor rompeu publicamente com o bolsonarismo e, dias depois, apareceu ao lado do presidente Lula. Essa aproximação é circunstancial ou faz parte de um reposicionamento político definitivo?

Não, essa minha posição é circunstancial. Ela se deve a esta missão — a esta cruzada que tomei para mim — de conscientizar o mundo cristão, principalmente as igrejas evangélicas, de que não temos que ter uma preferência política ou um político de estimação, como se pudéssemos impedir que outros que pensam diferente e são membros da igreja tenham a mesma liberdade. Eu tenho dito que a igreja não é de direita nem de esquerda. Nosso papel é orar pelas autoridades. Estive com o presidente da República em duas ocasiões institucionais em que tive a oportunidade de orar por ele, mas isso não significa

Kayo Magalhães/Agência Câmara



alinhamento ou apoio político.

O senhor se define como conservador e evangélico. Como pretende conciliar esse perfil com um eventual apoio formal do PT, especialmente em uma candidatura ao Senado pelo Rio de Janeiro?

Na verdade, eu sou candidato à minha reeleição, ainda que alguns especulem a possibilidade de eu concorrer ao Senado Federal. Não há nenhuma possibilidade real de uma aproximação política com o atual governo, principalmente durante o período eleitoral, e muito menos com o PT. Nossas diferenças ideológicas, de pensamento e de cosmogonia de mundo são bem opostas. Não vejo nenhuma chance de isso acontecer.

Mas, caso haja essa possibilidade, o senhor acredita que existe espaço eleitoral no Rio para um candidato conservador que dialogue com Lula, sem ser identificado como bolsonarista? Que eleitor o senhor pretende representar?

Eu acho que existe esse espaço. Se tivermos a candidatura de algum conservador, principalmente evangélico, as chances são reais, pois há 20 anos a igreja elege um senador no Rio de Janeiro. Isso ocorreu duas vezes com Marcelo Crivella e uma vez com Arolde de Oliveira, que, apesar de ter sido deputado federal por oito vezes, era desconhecido da grande massa e foi eleito senador. No entanto, não sei se a relação direta entre esse possível candidato e o governo Lula traria uma resposta positiva dentro da comunidade evangélica

— que em sua maioria não apoia o presidente — e entre os conservadores não evangélicos, que também podem ter dificuldades com ele.

Após as críticas que passou a receber de bolsonaristas, o senhor teme perder uma base importante do eleitorado evangélico? Ou avalia que esse segmento também está em processo de reavaliação política?

Eu não tenho dúvida do que sempre digo: a direita é maior do que o bolsonarismo, pois veio antes dele, e o conservadorismo é maior do que a direita. O conservadorismo perpassa partidos em um campo ideológico. Existe conservadorismo na extrema-direita, na direita, na centro-esquerda e na esquerda raiz, como a sindical. Acredito que estou falando com esse público



Há um abismo entre o meu pensamento e o do PT. As pessoas acham que haverá sinergia política, porque não estão acostumadas com um político que separa o papel de pastor, da missão política. Não atacarei o presidente, mas farei uma oposição propositiva"

conservador. Os mais radicais, os “bolsominions” que seguem o Bolsonaro cegamente, nunca votaram em mim. O meu eleitorado é, preponderantemente, a comunidade evangélica. Com eles eu conversei e eles me conhecem. Portanto, não creio em prejuízo eleitoral.

Se reeleito com apoio do PT, como o senhor se posicionaria em pautas sensíveis ao governo, como costumes, políticas sociais e relação com lideranças evangélicas no Congresso?

Primeiro, acredito que não terei apoio do PT nem do governo Lula, pois sou candidato à reeleição e não à majoritária. Respondendo à sua pergunta, há um abismo entre o meu pensamento e o do PT — somos como água e óleo. As pessoas acham que haverá sinergia política

porque não estão acostumadas com um político que separa o papel de pastor da missão política. Não haverá alinhamento político, o que há é respeito ao ser humano. Não atacarei o presidente na sua pessoa física nem o adjectivarei negativamente, mas farei uma oposição inteligente e propositiva que pense no Brasil, e não em interesses particulares da direita ou do meu partido.

Pensando nas eleições presidenciais de 2026, o senhor já definiu quem pretende apoiar? Apoiará a reeleição de Lula ou trabalha com a possibilidade de um terceiro nome fora do bolsonarismo?

Eu hipotequei o meu apoio ao governador Ronaldo Caiado há quase um ano. Acho que o nome dele contribuiu muito para o debate político. Caso ele não consiga viabilizar a candidatura, apoiarei algum candidato que esteja no espectro da direita. Confesso que tenho dificuldades caso esse candidato seja o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), mas, não havendo outra alternativa, posso avaliar esse apoio.

Em um possível segundo turno entre Lula e Flávio Bolsonaro, quem o apoiaria?

Eu prefiro ficar em casa. Se houver um segundo turno entre Flávio e Lula, não pretendo me envolver na eleição sistematicamente. Não apoiarei Lula e tenho muitas dificuldades com o senador Flávio, embora isso possa mudar no futuro. Atualmente, não me vejo vestindo a camisa do Flávio. Acho que a direita tem mais a oferecer, o que passa por uma eventual candidatura do governador Tarcísio (de Freitas, de São Paulo) ou de pessoas que já foram testadas no governo.